

Ana Maria Veiga  
Claudia Regina Nichnig  
Cristina Scheibe Wolff  
Jair Zandoná  
(Organização)

# MUNDOS DE MULHERES NO BRASIL

Editora CRV  
Curitiba – Brasil  
2019

Copyright © da Editora CRV  
**Editor-chefe:** Railson Moura  
**Diagramação e Capa:** Editora CRV  
**Revisão:** Gerusa Bondan e Maria Isabel de Castro Lima

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
CATALOGAÇÃO NA FONTE

---

M954

Mundos de mulheres no Brasil / Ana Maria Veiga, Claudia Regina Nichnig, Cristina Scheibe Wolff, Jair Zandoná (organização) – Curitiba : CRV, 2019.  
550 p.

Bibliografia  
ISBN 978-85-444-3129-0  
DOI 10.24824/978854443129.0

1. Ciências sociais. 2. Relações de gênero. 3. Feminismos. 4. Gênero. 5. Mulheres. I. Veiga, Ana Maria. org. II. Nichnig, Claudia Regina. org. III. Wolff, Cristina Scheibe. org. IV. Zandoná, Jair. org. V. Título. VI. Série.

CDU 396(81)

CDD 305.42

---

Índice para catálogo sistemático  
1. Mulheres 305.42

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL EM  
FORMATO DIGITAL.  
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2019

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004  
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV  
Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV  
Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: [sac@editoracriv.com.br](mailto:sac@editoracriv.com.br)  
Conheça os nossos lançamentos: [www.editoracriv.com.br](http://www.editoracriv.com.br)

## **Conselho Editorial:      Comitê Científico:**

Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)	Angelo Aparecido Priori (UEM)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)	Arnaldo Oliveira Souza Júnior (UFPI)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)	Carlos Ugo Santander Joo (UFG)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)	Dagmar Manieri (UFT)
Carlos Federico Domínguez Avila (Unieuro)	Edison Bariani (FCLAR)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)	Elizeu de Miranda Corrêa (PUC/SP)
Celso Conti (UFSCar)	Fauston Negreiros (UFPI)
Cesar Gerónimo Tello (Univer. Nacional Três de Febrero – Argentina)	Fernando Antonio Gonçalves Alcoforado (Universitat de Barcelona, UB, Espanha)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)	Giovani José da Silva (UNIFAP)
Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)	José de Ribamar Sousa Pereira (Exército Brasileiro/Ministério da Defesa)
Élsio José Corá (UFFS)	Kelly Cristina de Souza Prudencio (UFPR)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)	Liv Rebecca Sovik (UFRJ)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)	Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)	Marcos Aurelio Guedes de Oliveira (UFPE)
Gloria Fariñas León (Universidad de La Havana – Cuba)	Maria Schirley Luft (UFRR)
Guillermo Arias Beatón (Universidad de La Havana – Cuba)	Mauro Guilherme Pinheiro Koury (UFPB)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)	Ricardo Ferreira Freitas (UERJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)	Renato Jose Pinto Ortiz (UNICAMP)
Josania Portela (UFPI)	Rubens Elias da Silva (UFOPA)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)	Sergio Augusto Soares Mattos (UFRB)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)	Silvia Maria Favero Arend (UDESC)
Lourdes Helena da Silva (UFV)	Sonia Maria Ferreira Koehler (UNISAL)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)	Suyanne Tolentino de Souza (PUC-PR)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)	
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)	
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)	
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)	
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)	
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)	
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)	
Simone Rodrigues Pinto (UNB)	
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)	
Sydione Santos (UEPG)	
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)	
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)	

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
MUNDOS DE MULHERES E FAZENDO	
GÊNERO – ACADEMIA EM MOVIMENTO .....	13
<i>Ana Maria Veiga</i>	
<i>Claudia Regina Nichnig</i>	
<i>Cristina Scheibe Wolff</i>	
<i>Jair Zandoná</i>	

## I. GÊNERO E FEMINISMOS

CAPÍTULO 1	
REDES FEMINISTAS NO ENFRENTAMENTO DO	
RACISMO PATRIARCAL HETERONORMATIVO .....	19
<i>Cláudia Pons Cardoso</i>	
CAPÍTULO 2	
DUELO, DESOBEDIENCIA Y DESEO .....	31
<i>María Pia López</i>	
CAPÍTULO 3	
DIREITOS REPRODUTIVOS E REPRODUÇÃO ASSISTIDA:	
aportes da sociologia do corpo .....	39
<i>Laurence Tain</i>	
CAPÍTULO 4	
COALICIONES QUEER: aborto, feminismo y	
disidencias sexuales (1990 a 2005 en Buenos Aires) .....	49
<i>Mabel Bellucci</i>	
CAPÍTULO 5	
GÊNERO E FEMINISMO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIA:	
o papel de uma educação crítica .....	61
<i>Carla Giovana Cabral</i>	
CAPÍTULO 6	
<i>NAS PROFUNDEZAS RASAS DO CORPO:</i>	
semióticas a-significantes e processos de subjetivação	
e dessubjetivação dos marcadores sociais de gênero .....	73
<i>Durval Muniz de Albuquerque Júnior</i>	
CAPÍTULO 7	
CRÍTICA FEMINISTA E NARRATIVAS PÓS/DESCOLONIAIS:	
os limites do gênero e da representação .....	87
<i>Sandra Regina Goulart Almeida</i>	

CAPÍTULO 8 O DISCURSO OPOSICIONAL E OS PARADOXOS DA REPRESENTAÇÃO .....	97
<i>Leila Assumpção Harris</i>	

## **II. FEMINISMOS HISTÓRICOS E CONTEMPORÂNEOS**

CAPÍTULO 9 FEMINISMOS, PADRÕES DE ATUAÇÃO E DISPUTAS POLÍTICAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO .....	109
<i>Flávia Biroli</i>	

CAPÍTULO 10 LOS RETOS DEL FEMINISMO EN LA ERA DEL “FASCISMO SOCIAL” Y DEL NEO-INTEGRISMO RELIGIOSO EN CENTROAMÉRICA .....	119
<i>Montserrat Sagot</i>	

## **III. ARTE E GÊNERO: subversões, resistências e afirmatividade**

CAPÍTULO 11 EXPOSICIONES DE ARTE FEMINISTAS Y/O DE LO QUEER: ¿resistencias, utopías o arqueologías? .....	133
<i>Rosa Maria Blanca</i>	

CAPÍTULO 12 MARCHA DOS VADIOS DE ALICE PORTO: apropriações de fotografias de feministas em manifestações feministas .....	139
<i>Ana Maio</i>	

CAPÍTULO 13 OCUPAR O ENSINO DE ARTES COM AS REFLEXÕES SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES .....	145
<i>Rafael Siqueira de Guimarães</i>	

## **IV. CORPOS, SABERES, TERRITÓRIOS: desafios do gênero e da negritude na contemporaneidade**

CAPÍTULO 14 SEXUALIDADE, GÊNERO E DISTOPIA NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA .....	153
<i>Mário César Lugarinho</i>	

CAPÍTULO 15 IMITAÇÃO DE SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR OU A DIFICULDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS E AFETIVAS NO PÓS-INDEPENDÊNCIA ANGOLANO .....	165
<i>Maria Teresa Salgado</i>	

CAPÍTULO 16	
CORPOS NUS DE MULHERES NEGRAS: poéticas da violência / poéticas da resistência .....	175
<i>Catarina Martins</i>	

CAPÍTULO 17	
A ESCRITURA COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E PODER: autoras com origens em ex-colônias italianas na África .....	185
<i>Márcia de Almeida</i>	

CAPÍTULO 18	
CORPO, DISCURSO E POESIA EM AUTORAS NEGRAS CONTEMPORÂNEAS: linguagens eco(dis)tópicas .....	197
<i>Izabel F. O. Brandão</i>	

## **V. FILOSOFIA FEMINISTA NA AMÉRICA LATINA**

CAPÍTULO 19	
ALGUNOS APUNTES SOBRE FEMINISMOS EN AMÉRICA LATINA .....	213
<i>María Luisa Femenías</i>	

CAPÍTULO 20	
FEMINISMO DIALÓGICO .....	223
<i>Márcia Tiburi</i>	

CAPÍTULO 21	
A ATUALIDADE DO FEMINISMO NEGRO E INTERSECCIONAL DE LÉLIA GONZALEZ .....	231
<i>Carla Rodrigues</i>	

## **VI. GÊNERO, DIVERSIDADES E EDUCAÇÃO: perspectivas contemporâneas**

CAPÍTULO 22	
A QUEM TUDO QUER SABER, NADA SE LHE DIZ: uma educação sem gênero e sem sexualidade é desejável? .....	241
<i>Fernando Seffner</i>	

CAPÍTULO 23	
ASCENSÃO E QUEDA DE UMA POLÍTICA EDUCACIONAL LGBT .....	251
<i>Alexandre Bortolini</i>	

CAPÍTULO 24	
GÊNERO E EDUCAÇÃO – A EXPERIÊNCIA DO GDE .....	263
<i>Olga Regina Zigelli Garcia</i>	

## **VII. O CUIDADO COMO UM DIREITO: produção e reprodução da vida humana**

CAPÍTULO 25 INTERFACES ENTRE VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E AÇÕES DE CUIDADOS .....	275
<i>Lourdes Maria Bandeira</i>	
CAPÍTULO 26 GÉNERO, MIGRACIONES Y CUIDADO COMUNITARIO EN CONTEXTOS DE RELEGACIÓN URBANA .....	289
<i>María José Magliano</i>	
CAPÍTULO 27 E QUEM VAI CUIDAR DELAS? MIGRAÇÃO INTERNACIONAL DE MULHERES ORIGINÁRIAS DA AMÉRICA LATINA E TRABALHOS DE CUIDADO .....	299
<i>Delia Dutra</i>	

## **VIII. PSICOLOGIA, GÊNERO E SAÚDE**

CAPÍTULO 28 GÊNERO E SAÚDE: encrencas transdisciplinares para a psicologia? .....	311
<i>Anna Paula Uziel</i>	
CAPÍTULO 29 GÊNERO, GERAÇÃO E SAÚDE: diálogos entre a antropologia e a psicologia .....	317
<i>Mónica Franch</i>	
CAPÍTULO 30 SAÚDE MENTAL E GÊNERO .....	327
<i>Valeska Zanello</i>	

## **IX. GÊNERO E DEFICIÊNCIAS: dos modelos e representações às múltiplas vivências**

CAPÍTULO 31 DIVERSIDADE FUNCIONAL, PORNOGRAFIA E PÓS-PORNOGRAFIA .....	339
<i>Jorge Leite Jr.</i>	
CAPÍTULO 32 GÊNERO, DEFICIÊNCIA E A PRODUÇÃO DE VULNERABILIDADES .....	353
<i>Marivete Gesser</i>	

## X. GÊNERO E VIOLÊNCIAS NA AMÉRICA LATINA

CAPÍTULO 33	
AFECTOS JUSTOS: testimonio, violencia y género .....	365
<i>Claudia Bacci</i>	
CAPÍTULO 34	
AFECTOS, DUELO Y JUSTICIA EN LAS PRODUCCIONES VISUALES SOBRE MUJERES PRESAS Y MUERTAS POR ABORTAR EN AMÉRICA LATINA .....	381
<i>Nayla Luz Vacarezza</i>	
CAPÍTULO 35	
EL GÉNERO Y LA GENERALIZACIÓN DE LA VIOLENCIA EN EL CONTEXTO MEXICANO ACTUAL .....	393
<i>Mariana Berlanga</i>	
CAPÍTULO 36	
MUJERES Y RESISTENCIA: las múltiples guerras en el marco del conflicto armado colombiano .....	403
<i>Izabel Solyszko Gomes</i>	

## XI. RELAÇÕES DE GÊNERO NO MUNDO DO TRABALHO

CAPÍTULO 37	
DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, PRECARIZAÇÃO E DESIGUALDADES INTERSECCIONAIS .....	415
<i>Helena Hirata</i>	
CAPÍTULO 38	
LA DESIGUAL ECUACIÓN ENTRE EL GÉNERO Y EL TRABAJO: perspectivas feministas .....	425
<i>Débora D'Antonio</i>	
CAPÍTULO 39	
TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NA TRAJETÓRIA E ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES DA CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES .....	437
<i>Junéia Martins Batista</i>	
CAPÍTULO 40	
A REFORMA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL BRASILEIRA .....	451
<i>Ela Wiecko V. de Castilho</i>	



## **XII. MULHERES RURAIS E AGRICULTORAS**

CAPÍTULO 41 QUE FEMINISMO É ESSE QUE NASCE NA HORTA? .....	463
<i>Maria Ignez Silveira Paulilo</i>	

CAPÍTULO 42 METODOLOGÍAS DE CO-CREACIÓN DE CONOCIMIENTOS PARA LA CONSTRUCCIÓN DEL MEDIO RURAL LATINOAMERICANO DESDE LAS MUJERES .....	475
<i>Ana Dorrego Carlón</i>	

## **XIII. INFÂNCIAS, JUVENTUDES E GÊNERO: em debate a interseccionalidade**

CAPÍTULO 43 JÓVENES MILITANTES, SEXUALIDAD Y REVOLUCIÓN: algunos dilemas en torno a los interrogantes, las categorías y a la interpretación histórica de los años setenta .....	485
<i>Isabella Cosse</i>	

CAPÍTULO 44 MEDICALIZACIÓN, INFANCIA E INTERSECCIONALIDAD: historias de vida en Argentina .....	491
<i>Cecilia Rustoyburu</i>	

## **XIV. GÊNERO, MÍDIAS E REDES SOCIAIS**

CAPÍTULO 45 LAS LUCHAS FEMINISTAS Y LAS PERIODISTAS CON VISIÓN DE GÉNERO: una articulación indispensable .....	507
<i>Florencia Laura Rovetto</i>	

CAPÍTULO 46 LA ESCUELA AUDIOVISUAL AL BORDE (2011-2016): políticas de la representación y artivismo contrasexual globalizado .....	517
<i>Marta Cabrera</i>	

CAPÍTULO 47 CONTRANARRATIVAS NEGRAS E DE GÊNERO EM MÍDIAS DIGITAIS .....	527
<i>Célia Regina da Silva</i>	

CAPÍTULO 48 NEOCAPITALISMO EN RED: cuerpos a la carta .....	539
<i>José María Valcuende del Río</i>	

SOBRE OS ORGANIZADORES .....	547
------------------------------	-----

# CAPÍTULO 26

## GÉNERO, MIGRACIONES Y CUIDADO COMUNITARIO EN CONTEXTOS DE RELEGACIÓN URBANA

*María José Magliano<sup>1</sup>*

---

### **Introducción**

Las estrategias de subsistencia desplegadas por las familias migrantes en los contextos de destino, especialmente vinculadas a las formas de inserción laboral y a las modalidades de organización del cuidado, ha ocupado un lugar relevante dentro del campo de estudios sobre migraciones y género (MAGLIANO, 2013; MALLIMACI, 2012). Un tema menos explorado ha sido las estrategias de cuidado comunitario que los y las migrantes, sobre todo quienes viven en barrios de relegación urbana, desarrollan en pos de asegurar la reproducción de la vida. Precisamente, en esta presentación nos proponemos analizar las prácticas y modalidades que adquiere el cuidado comunitario en un barrio de relegación urbana (WACQUANT, 2007) de la ciudad de Córdoba, habitado mayoritariamente por migrantes de origen peruano. Asimismo, nos interesa reflexionar sobre las motivaciones que llevan a las mujeres migrantes peruanas a participar de las redes de cuidado comunitario dentro los espacios donde se desarrolla su vida cotidiana. Entendemos lo “comunitario” como clave interpretativa para analizar la manera en que se gestiona la producción y la reproducción de la vida (GUTIÉRREZ AGUILAR; SALAZAR LOHMAN, 2015) en los márgenes de las ciudades contemporáneas.

Los migrantes, varones y mujeres, que han arribado en las últimas décadas a la Argentina se han dirigido principalmente a las áreas periféricas y relegadas de las grandes ciudades en un contexto de nuevas formas de pobreza y marginalidad urbana centradas en ciertas trayectorias laborales (SASSEN, 2007). Así, bajo un escenario de creciente informalización de la vida cotidiana de las poblaciones migrantes, lo comunitario, comprendido como la capacidad práctica que tienen las poblaciones para cooperar entre ellas (GUTIÉRREZ AGUILAR, 2008, p. 35), adquiere potencia y centralidad en tanto ofrece formas alternativas de subsistencia familiar. Es en este marco que el barrio de relegación urbana y las familias, en nuestro caso migrantes,

---

<sup>1</sup> Investigadora Adjunta del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) con lugar de trabajo en el Centro de Investigaciones y Estudios sobre Cultura y Sociedad (CIECS-CONICET y UNC). Profesora de la Universidad Nacional de Córdoba en la Facultad de Filosofía y Humanidades, Córdoba, Argentina. E-mail: majomagliano@gmail.com

se interconectan con formas de organización social del cuidado con una fuerte impronta territorial (comedores y guarderías comunitarias, por ejemplo) como un modo de poder asegurar la reproducción de la vida.

Si bien los trabajos de cuidado engloban un conjunto amplio de actividades remuneradas y no remuneradas, en esta ocasión atenderemos a un fenómeno relevante en América Latina, como es la participación de las mujeres en diversas actividades vinculadas con el cuidado en el ámbito comunitario en contextos de pobreza (ZIBECCHI, 2013). En esos espacios, donde las energías del Estado (ya sea municipal, provincial o nacional) son “economizadas” (DE MARINIS, 2011),<sup>2</sup> los vecinos y vecinas despliegan una serie de estrategias en pos de asegurar la subsistencia familiar. Para ello, se valen de los vínculos que se establecen con organizaciones sociales y políticas que tienen una presencia activa en los lugares donde viven, y también de las políticas públicas orientadas a tratar de resolver algunos de los problemas que enfrentan los sectores populares.<sup>3</sup>

Nuestro argumento parte de considerar la centralidad de lo comunitario en las tareas de creación y sostenimiento de los barrios de relegación urbana. Los entramados comunitarios – que pueden leerse como una forma de cuestionamiento al creciente aislamiento individualista (HARVEY, 2013) que distingue a las ciudades actuales – no implican ausencia de tensiones y conflictos, sino que expresan “relaciones sociales de compartencia que operan coordinada y/o cooperativamente de forma más o menos estable en el tiempo con objetivos múltiples, buscando la satisfacción de necesidades básicas de la existencia social y por tanto individual” (GUTIÉRREZ AGUILAR; SALAZAR LOHMAN, 2015, p. 23).

## La caja de herramientas teórica y metodológica para el análisis del cuidado comunitario

Para el desarrollo de esta investigación, nos apoyamos en el potencial teórico y político de la economía feminista. Desde esta perspectiva, se ha denunciado que los paradigmas clásicos adolecen de profundos sesgos androcéntricos en tanto no contemplan al ámbito de la *reproducción*, ni intentan visualizar y explicar las desigualdades de género que estructuran el mundo del trabajo productivo y reproductivo (PÉREZ OROZCO, 2014, p. 38). La economía feminista, al contrario, saca a la luz todo el trabajo no remunerado, ampliando ese mundo y haciendo emerger a toda una esfera de actividad económica (más oscura) que antes no se veía, y donde las mujeres han estado históricamente presentes (PÉREZ OROZCO, 2014, p. 46). En particular, el universo del cuidado resulta potencialmente útil para reflexionar sobre el mundo del trabajo en tanto ofrece herramientas de reflexión crítica sobre los puentes – construidos históricamente

2 Esas energías “economizadas” a las que hace referencia De Marinis, remite a un nuevo formato “adelgazado” de actividad estatal que no implica “retirada” o “desaparición” (DE MARINIS, 2011).

3 Entre ellas, podemos mencionar la Asignación Universal por Hijo (AUH), que funciona en Argentina desde el año 2009 y otorga a personas desocupadas, que trabajan en empleos informales o que ganan menos del salario mínimo, vital y móvil un beneficio mensual por cada hijo menor de 18 años o hijo discapacitado.

– entre lo productivo y reproductivo, lo público y lo privado, lo remunerado y no remunerado. En este trabajo, por “cuidado” entendemos al conjunto de actividades que giran en torno al sostén cotidiano de la vida humana en el marco de dos dimensiones centrales: las disposiciones y motivaciones ético-afectivas y las tareas concretas de la vida diaria (VEGA; GUTIERREZ-RODRÍGUEZ, 2014, p. 9-10) que pueden ser remuneradas o no. Dentro del campo de los estudios sobre género y migraciones, los trabajos de cuidados remunerados han recibido una importante atención desde las últimas décadas. Lo mismo ha sucedido con aquellas temáticas vinculadas a los cuidados no remunerados y las estrategias de organización familiar en contextos migratorios. La forma comunitaria del cuidado que despliegan las mujeres migrantes en los lugares de llegada no ha sido abordada en profundidad, aun cuando resulta un aspecto clave no solo de la reproducción familiar sino también barrial en tanto involucra aspectos vinculados a la producción, reproducción y a la territorialidad. Los cuidados comunitarios hunden sus raíces en el territorio, pero no en cualquier territorio, sino en aquellos marcados por la precariedad.

En términos metodológicos, esta propuesta se apoya en un trabajo de campo cualitativo sostenido en el tiempo (2012-2016) en Sabattini, un barrio de relegación urbana ubicado en la periferia de la ciudad de Córdoba y mayoritariamente habitado por migrantes peruanos.<sup>4</sup> En el marco de ese trabajo de campo, nos valimos de entrevistas en profundidad a mujeres peruanas que allí residen, muchas de las cuales llevan adelante tareas de cuidado comunitario, y de la técnica de observación participante a partir del registro de cada una de nuestras visitas al barrio en el transcurso del trabajo de campo.

## **El cuidado comunitario en los barrios de relegación urbana**

Desde la última década, asistimos a la concentración de muchas familias peruanas – y no solo ellas – en espacios relegados de la ciudad en consonancia con las trayectorias laborales que estas familias poseen en los lugares de destino, caracterizadas por la informalidad, la invisibilidad y la inestabilidad. Como indagamos en trabajos previos (MAGLIANO; PERISSINOTTI; ZENKLUSEN, 2014), los espacios urbanos relegados son aquellos en los cuales sus residentes no cuentan con ninguna documentación oficial que avale la posesión de los terrenos, en tanto se construyen a partir de un proceso de “ocupación” de tierras dentro de las zonas urbanas, en general pertenecientes al Estado nacional, que hasta ese momento se encontraban deshabitadas. Además, son espacios que no poseen servicios públicos, como gas natural, alumbrado público, cloacas y desagües. Es decir, las poblaciones migrantes que viven en los barrios de relegación urbana enfrentan una precariedad que va más allá del ámbito estrictamente laboral, para abarcar “la totalidad de la existencia, los cuerpos, los modos de

4 Tanto el nombre del barrio como el de las personas mencionadas en este texto han sido modificados para preservar su anonimato.

subjetivación” (LOREY, 2016, 17). Es bajo este escenario que el entramado comunitario del cuidado adquiere relevancia en la reproducción de la vida de las poblaciones que allí residen.

En Sabattini, el cuidado comunitario es una tarea fundamentalmente femenina que se articula en torno a las necesidades de subsistencia de las familias que allí residen y a las condiciones de socio-segregación del barrio. Para fines del año 2016, dos merenderos, “Comedor de la abuela” y “Comedor-merendero Sabattini”, orientados a resolver las necesidades alimentarias de los niños y niñas que allí viven, reunían a más de 30 mujeres peruanas.<sup>5</sup> En esos merenderos las mujeres no solo se desempeñan como cocineras, sino que también se ocupan de recolectar el dinero entre las distintas familias y hacer las compras de los productos que se van a utilizar para dar la “copa de leche”. En pos de ello, se despliegan una serie de estrategias y relaciones con distintos actores políticos que responden a las necesidades que van emergiendo en esos espacios.

Estos merenderos presentan historias diferentes: mientras que el “Comedor de la abuela” tiene una mayor antigüedad, el “Comedor-merendero Sabattini” se organizó a comienzos del año 2016, a partir de una serie de disputas que surgieron entre las mujeres peruanas encargadas de manejar el merendero más antiguo del barrio. Ambos merenderos funcionan durante la semana, por la tarde, pues es en ese horario cuando la mayoría de los niños regresa de la escuela (asisten unos 100 niños y algunos adultos). El merendero “Comedor de la abuela” funciona en la casa de la mujer que se encarga de su manejo, y el “Comedor-merendero Sabattini” lo hace en la Sede del barrio, una construcción de madera que funciona como salón multiuso para distintas actividades que se desarrollan en Sabattini. La mera existencia de estos espacios expresa las dificultades que encuentran muchas familias pertenecientes a los sectores populares para asegurar su subsistencia.

Cada merendero se encuentra organizado en torno a un grupo de mujeres más o menos estables (unas 15 mujeres en cada uno), en ambos casos de origen peruano, que se ocupan de la compra de la mercadería y de preparar aquello que se va a comer en la jornada. Los dos se sostienen en base a un aporte mensual mínimo de las familias que envían allí a sus hijos y también de la ayuda de agrupaciones sociales. Para poder comprar mercadería a un mejor precio más accesible que aquella que se consigue en el mercado, la opción más buscada es poder acceder a la Fundación Banco de Alimentos Córdoba, organización no gubernamental cuya tarea “consiste en **solicitar la donación de productos alimenticios, recibirlos, almacenarlos y luego distribuirlos** a centros asistenciales debidamente acreditados” (FUNDACIÓN BANCO DE ALIMENTOS CÓRDOBA, 2016). Un requisito básico para poder acceder al Banco de Alimentos es contar con personería jurídica, es decir, la formalización de la organización.

5 Vale aclarar que en Sabattini no hay jardines ni guarderías. Las familias que allí residen deben trasladarse hacia otro barrio cercano y dejar a sus niños en las guarderías durante la jornada laboral.

Es por ello que el “Comedor de la abuela” se constituyó en una organización, conformada por mujeres, para obtener la personería. Una vez obtenida, comenzaron a proveerse con los productos que ofrece ese Banco. El otro merendero aspira también a obtener esa personería para, de este modo, acceder a productos a un precio más accesible. Según lo que hemos podido reconstruir, en ambos merenderos el aporte de los estados, ya sea municipal, provincial o nacional, es escaso. En particular, el “Comedor-merendero Sabattini” se sostiene además con el aporte que realiza el Movimiento Evita.<sup>6</sup>

Algo que atraviesa los relatos de quienes participan en estos espacios es la cuestión de la inestabilidad, esto es, no contar con la certeza de que se pueda sostener la actividad en el tiempo. Y esto se vincula con que su experiencia “suele estar atravesada por los avatares, sobre todo económicos, tanto de orden estructural como coyuntural” (FOURNIER, 2017, p. 91). El desempleo y la precariedad laboral actúan sobre la cotidianidad de las familias del barrio y eso condiciona el aporte mensual, aunque mínimo, que deben realizar. También la inestabilidad se alimenta de las intermitencias en las presencias de las agrupaciones sociales y políticas, truncando muchas veces el desarrollo y sostenimiento de los proyectos que van surgiendo.

Asimismo, son esas mismas mujeres que se ocupan de organizar distintos festejos y eventos, de manera comunitaria, en el barrio. Nos referimos al día del niño, a la Navidad, al comienzo de clases, entre otras. Para cada una de esas fechas, un grupo de mujeres se reúne para organizar y extender una serie de pedidos a distintos actores del ámbito público (movimientos sociales y políticos) y privados (empresas reconocidas de la ciudad). Por ejemplo, cada mes de noviembre, las mujeres peruanas del barrio se reúnen para armar un listado de lugares a los que van a acercarse para pedir donaciones para la Navidad (desde juguetes hasta comida y bebida). Además de armar esa lista, redactan de puño y letra las notas que serán presentadas en las mesas de entradas de algunas de esos lugares seleccionados. El primero de ellos es el Consulado de Perú en Córdoba. Esa es la primera nota que redactan, solicitándole tenga a bien colaborar con algo para los “250 niños” que viven en Sabattini, “muchos de los cuales son peruanos o sus padres son peruanos”. La idea, nos expresaba Melania, es “que cada niño del barrio tenga su juguete y algo para comer” (Melania, migrante peruana, 29 de noviembre de 2016). Además de empresas reconocidas, este conjunto de mujeres (que también forma parte de uno de los merenderos del barrio) solicitan donaciones a comerciantes peruanos “prósperos” de Córdoba, que tienen sus negocios en el “centro” y cada año les envían algo.

En este espacio, como en otros, el cuidado tanto familiar como comunitario recae exclusivamente en las mujeres, quienes despliegan distintas redes

6 El Movimiento es una agrupación que se autodefine como expresión de una “fuerza nacional, popular y federal” que surge en el contexto de las luchas y resistencias contra las políticas neoliberales. Para mayor información respecto a la historia y composición del Movimiento Evita véase <https://movimiento-evita.org.ar>.

en pos de buscar asegurar la reproducción de la vida. La creatividad para resolver las ausencias emerge en cada práctica y estrategia desplegada, aun cuando se reproduzcan en esas prácticas y estrategias mandatos dominantes de género que las ubican como los sujetos privilegiados para los trabajos de cuidado, ya sean remunerados como no remunerados. En el próximo apartado, nos detendremos en analizar quiénes son estas mujeres cuidadoras, sus trayectorias y prácticas, para así poder reflexionar sobre aquello que se juega en la reproducción de la vida en su forma comunitaria.

## **Sobre las cuidadoras comunitarias migrantes: saberes, prácticas y estrategias**

El cuidado comunitario funciona como canalizador de las carencias que existen en los espacios de relegación urbana, y se articula con trayectorias laborales y familiares concretas que involucran a las familias migrantes que llegaron en las últimas décadas a la Argentina. Justamente, lo que nos interesa indagar en este apartado es el modo en que las dinámicas familiares de las mujeres peruanas actúan sobre las formas y modalidades de participación en el cuidado comunitario del barrio. Entendemos que en espacios como Sabattini se juegan saberes, prácticas y relaciones de poder dentro de un contexto particular, a partir de considerar que el sostenimiento del cuidado en su forma comunitaria va más allá de la subsistencia familiar para abarcar también la barrial. En este sentido, lo comunitario, además de responder a las necesidades de reproducción de la vida en contextos de marginalidad urbana a partir de las ausencias – o presencias “adelgazadas”, como señala De Marinis (2011) – del Estado, se desempeña como factor de consolidación de esos contextos.

No todas las mujeres peruanas tienen una participación activa en los merenderos del barrio, al contrario, quienes manejan y lideran esos espacios tienen determinadas trayectorias familiares y laborales. Las encargadas de los merenderos, dos mujeres peruanas adultas que llegaron en el transcurso de la primera década del siglo XXI a Córdoba, se dedican centralmente al cuidado no remunerado tanto familiar como comunitario. Para ellas, como para quienes colaboran en la elaboración de las comidas que ofrecen los merenderos, lo comunitario funciona como una actividad más que se suma a las responsabilidades del ámbito familiar, que siempre recaen en las mujeres de la familia (madres e hijas). No reciben un salario a cambio por ese trabajo comunitario, sino que son las propias trayectorias familiares las que habilitan su participación y las formas de involucramiento.

La reconstrucción de la trayectoria de Alicia, encargada del “comedor-merendero Sabattini”, muestra que la consolidación del proyecto migratorio vino de la mano de su “salida” del ámbito del trabajo remunerado, como empleada doméstica y cuidadora, para dedicarse con exclusividad al cuidado no remunerado, primero familiar y luego también comunitario. Alicia llegó por

primera vez a Córdoba desde Lima en el año 2003, dejando a su hija de cinco años y a su marido en Lima. Estuvo un año trabajando “cama adentro” en una casa de familia en Villa Allende, localidad ubicada en la zona norte de Córdoba. Las dificultades que supuso la distancia con su familia la llevaron a retornar a Lima un año después, para volver a Córdoba en el año 2006, esta vez con su marido y su hija (Alicia, migrante peruana, 5 de marzo de 2014).

Tanto en el caso de Alicia como en el de Teresa, encargada del “Comedor de la abuela”, sus maridos trabajan en la construcción, siendo el sostén económico principal de las familias.<sup>7</sup> Las hijas mayores, jóvenes y adolescentes, colaboran con el funcionamiento del merendero, en el marco de una actividad configurada como eminentemente femenina, lo que no implica que no sea apoyada por los varones del barrio, en tanto resuelve las necesidades de subsistencia de sus propias familias. Aquellas mujeres que trabajan en los merenderos del barrio se ocupan, sin excepción, de las actividades domésticas y del cuidado la interior de sus propias familias.

Además de las encargadas principales de los merenderos, existe un conjunto de mujeres también migrantes que colaboran con el funcionamiento de estos espacios: cocinan, seleccionan y deciden los productos a comprar, y arman el menú que mejor responda a los criterios que manejan respecto a una “buena alimentación” y a las posibilidades de compra en relación con los recursos con que cuentan. En ambos casos, alimentar bien – o lo mejor posible – a los niños y niñas del barrio es su fin principal. Leche, harina, arroz, huevo, azúcar, se encuentran entre los productos más requeridos.<sup>8</sup>

En un escenario de trayectorias laborales propias y familiares que se distinguen por la precariedad, la informalidad y la invisibilidad, lo comunitario configura un marco de “respetabilidad” (SKEGGS, 1997) que permite impugnar y cuestionar la escasa valoración de las competencias, saberes y habilidades incorporados por quienes realizan estas actividades (ARANGO GAVIRIA, 2011). De modo principal, esa “respetabilidad” emerge en relación con lo que el cuidado comunitario habilita, como es la creciente politización de quienes se encuentran involucrados en esas tareas. Son mujeres que tienen una participación política activa, vinculándose con distintas organizaciones sociales y políticas que se acercan al barrio, y con actores estatales con quienes negocian determinadas demandas colectivas en pos de mejorar la calidad de quienes viven en ese lugar.

Las organizaciones comunitarias no son estables ni armónicas; al contrario, son espacios de disputa entre las propias vecinas – y vecinos – en tanto se juega la visibilidad, el respeto y el prestigio no solo al interior del espacio

7 En Sabattini, las principales inserciones laborales para los varones son la construcción y el trabajo textil, para las mujeres, el trabajo doméstico y del cuidado remunerado y el trabajo textil. Existe un número importante de mujeres que se dedican al cuidado no remunerado.

8 Es importante destacar que no siempre se puede acceder a esos productos. En una ocasión, por ejemplo, y debido a la falta de fondos, el “Comedor de la abuela” debió dar como merienda (a las 5pm, cuando los niños y niñas salen del colegio) fideos con aceite, pues no tenían otra opción.



barrial sino también en su vínculo con las organizaciones sociales y políticas. Así, a las visiones en torno a la “generosidad” y el “desinterés” por parte de quienes se involucran en estas tareas, se les suma también la “validación” dentro del barrio que refuerza la condición de referentes dentro del espacio y de interlocutor con su exterior.

## **Conclusiones**

En esta presentación planteamos que el cuidado comunitario supone, para las mujeres migrantes y sus familias, mucho más que una estrategia de subsistencia a partir de la reproducción de ciertos estereotipos de género que vinculan a las mujeres como los sujetos privilegiados para llevar adelante las tareas del “cuidado”. Las prácticas y los saberes que se despliegan en torno al cuidado comunitario van más allá de la mera reproducción de roles de género. La forma comunitaria del cuidado se interna y disputa las fronteras entre lo público y lo privado. Quienes se dedican al cuidado comunitario son también referentes barriales con una importante visibilidad en el barrio y con fuertes vínculos con organizaciones sociales y políticas que tienen presencia en ese espacio, actuando en muchos casos como intermediarias entre esas organizaciones y los propios vecinos.

Así pues, lo comunitario resulta un factor – entre otros – de sostenimiento y consolidación de los espacios donde reside un amplio conjunto de la población migrante en Argentina. Ese cuidado comunitario, con sus tensiones y contradicciones, es clave en la reproducción de la vida migrante desde un lugar “común” de solidaridad y resistencia en los confines de las ciudades.

## REFERENCIAS

ARANGO GAVIRIA, Luz Gabriela. El trabajo de cuidado: ¿servidumbre, profesión o ingeniería emocional? In: ARANGO GAVIRIA, Luz Gabriela; MOLINIER, Pasquale. *El trabajo y la ética del cuidado*. Medellín: La carreta editores, 2011, p. 91-109.

DE MARINIS, Pablo. Derivas de la Comunidad: algunas reflexiones preliminares para una teoría sociológica en (y desde) América Latina. *SINAIS. Revista Eletrônica – Ciências Sociais*, Brasil, v. 1, n. 9, p. 83-117, 2011.

FOURNIER, Marisa. La labor de las trabajadoras comunitarias de cuidado infantil en el conurbano bonaerense ¿Una forma de subsidio de ‘abajo hacia arriba’? *Trabajo y Sociedad*, Argentina, n. 28, 2017, p. 83-108.

FUNDACIÓN BANCO DE ALIMENTOS CÓRDOBA. Disponible en: <<http://bancodealimentoscba.org.ar>>. Accedido en: 07/09/2016.

GUTIERREZ-AGUILAR, Raquel. *Los ritmos del Pachakuti. Movilización y levantamiento popular-indígena en Bolivia*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2008. 384 p.

GUTIERREZ AGUILAR, Raquel; SALAZAR LOHMAN, Huáscar. Reproducción comunitaria de la vida. Pensando la transformación social en el presente. *El Apantle. Revista de Estudios Comunitarios*, México, n. 1, p. 15-50, 2015.

HARVEY, David. *Ciudades rebeldes. Del derecho de la ciudad a la revolución urbana*. Traducción de Juanmari Madariaga. Madrid: Ediciones Akal, 2013[2012]. 239 p.

LOREY, Isabell. *Estado de inseguridad. Gobernar la precariedad*. Prologado por Judith Butler. Traducción de Raúl Sánchez Cedillo. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016[2012]. 132 p.

MAGLIANO, María José. Los significados de vivir ‘múltiples presencias’: Mujeres bolivianas en Argentina. *Revista Migraciones Internacionales*, México, v. 7, n. 24, p. 165-195, 2013.

MAGLIANO, María José; PERISSINOTTI, María Victoria; ZENKLUSEN, Denise. Estrategias en torno a las formas de apropiación y organización del

espacio en un 'barrio de migrantes' de la ciudad de Córdoba. *Estudios Demográficos y Urbanos*, México, v. 29, n. 3, p. 513-539, 2014.

MALLIMACI, Ana Inés. Revisitando la relación entre géneros y migraciones: Resultados de una investigación en Argentina. *Revista Mora*, Argentina, vol. 18, n. 2, p. 10-22, 2012.

PÉREZ OROZCO, Amaia. *Subversión feminista de la economía. Aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida*. Madrid: Traficantes de sueños, 2014. 309 p.

SASSEN, Saskia. *Una sociología de la globalización*. Traducción de María Victoria Rodil. Buenos Aires: Katz ediciones, 2007. 323 p.

SKEGGS, Beverly. *Formations of Class and Gender. Becoming Respectable*. Londres: Sage Publications, 1997. 200 p.

VEGA, Cristina; GUTIÉRREZ-RODRÍGUEZ, Encarnación. Nuevas aproximaciones a la organización social del cuidado. Debates latinoamericanos. *Íconos. Revista de Ciencias Sociales*, Ecuador, n. 50, p. 9-26, 2014.

WACQUANT, Loïc. *Los condenados de la ciudad. Gueto, periferias y Estado*. Traducción de Marcos Mayer. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007. 376 p.

ZIBECCHI, Carla. Organizaciones comunitarias y cuidado en la primera infancia: un análisis en torno a las trayectorias, prácticas y saberes de las cuidadoras. *Trabajo y Sociedad*, Argentina, n. 20, p. 427-447, 2013.